

UM DOS INVESTIGADORES responsáveis pela escavação do sítio arqueológico do Morraçal da Ajuda

Um dia com... Guilherme Cardoso

Texto e foto: Francisco Fidalgo Félix*



Este “Um dia com...” já estaria de alguma forma pensado, mas no dia 3 de novembro de 2023, aquando da assistência à conferência “Contentores de transporte de preparados de peixe na Hispânia Romana - 25 anos do projeto de investigação da Olaria do Morraçal da Ajuda (Peniche)”, promovida pelo Município de Peniche, passou à condição de objetivo a curto prazo, dado poder-se reforçar a importância da presença dos Romanos na Península de Peniche e destacar-se a utilização dos recursos naturais no nosso território.

Através de rede social contactei o amigo Guilherme Cardoso para averiguar da disponibilidade de um dos líderes do projeto mencionado poder participar na entrevista. Aceite o convite, combinámos encontro para as 11h00 do dia 23 de dezembro, usando para o efeito um dos aplicativos digitais disponíveis. Numa manhã fria e de céu limpo, com o conforto conferido pelos ambientes caseiros, iniciámos o diálogo projetado, distanciados cerca de uma centena de quilómetros, eu em Peniche e o doutor Guilherme Cardoso em Amoreira (Alcabideche, Concelho de Cascais), localidade onde reside e é natural. Até ao momento apenas tínhamos tido contactos esporádicos, mas o encontro decorreu como já nos conhecêssemos há muito tempo, uma vez que o entrevistado irradiou simpatia e apresentou as ideias com calma e clareza. Também teria sido interessante a conversa ser realizada junto ao campo arqueológico, mas assim ultrapassámos rapidamente eventuais constrangimentos.

Começo por dar a conhecer o percurso académico de Guilherme Cardoso, extraído de nota curricular a que pude ter acesso antecipadamente: Licenciou-se em História - Variante de Arqueologia (ramo científico) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1996); concluiu Mestrado em Arqueologia, reconhecido pela Universidade de Coimbra, em 2004, com a tese “Aspectos da Romanização do Ager Olisiponensis, Universidad de Extremadura” (Cáceres, 2002) e doutorou-se com a tese “Estudios Arqueológicos de la Villa Romana de Freiria”, pela Universidad de Extremadura, (Cáceres, 2016). A nota curricular elenca também mais de duas dezenas de estudos sobre Peniche e que a obra bibliográfica aborda temáticas sobre Arqueologia, História e Etnografia.

Em primeiro lugar, pedi ao meu convidado para indicar os primeiros contactos com o Concelho de Peniche. Com 19 anos, agora já com 73, veio com grupo de espeleólogos amadores, em 1971, para visitar a Gruta dos Bolhos. Embora com autorização do então presidente da Câmara Municipal de Peniche (CMP), não foi possível descer à cavidade referida, uma vez que o presidente da Junta de Freguesia de Atouguia da Baleia não cedeu a chave, receando que o grupo pudesse de alguma forma não respeitar aquele património. Assim, aproveitaram para conhecer os troços costeiros mais significativos da Península de Peniche. Lembrou também o facto de na altura, terem explorado várias grutas no Concelho de Cascais.

Entretanto os assuntos foram dirigidos para o modo como chegou à Arqueologia. O gosto pela visita a museus desenvolveu-se desde tenra idade, tendo recordado o facto de com seis anos ter pedido ao pai para irem visitar o Museu Regional de Beja, aquando da permanência naquela cidade alentejana. Ainda conserva o gosto pelas visitas a museus, pois sempre que sai, seja no nosso país ou para o estrangeiro, não dispensa o contacto com estas estruturas de divulgação do conhecimento. Em 1972, começou a frequentar o Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais, colaborando na recolha de materiais arqueológicos, como por exemplo os sílex. Nas atividades espeleológicas depara-se com frequência com restos ós-

seos e materiais líticos que lhe vão aguçando a curiosidade por estas temáticas.

Importante neste enquadramento, Guilherme Cardoso salientou que em 1972 e 1973 teve a possibilidade de fazer Arqueologia com dois geólogos, que também foram duas referências na Arqueologia Portuguesa, mais precisamente Veiga Ferreira e Georges Zbyszewski. No Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, atual Museu Geológico, as portas dos gabinetes estavam sempre abertas, com os ocupantes prontos para discutir assuntos com os mais jovens que os abordavam, nomeadamente quando traziam materiais recolhidos. O meu interlocutor considerou-os professores de excelência.

Em 1983, começou a frequentar centros de arqueologia e espeleologia para jovens, havendo assim a possibilidade de aprofundar conhecimentos, nomeadamente no âmbito do trabalho de campo. Sublinhe-se que os contactos com a Arqueologia e a Espeleologia correspondem a atividades que se encaixavam nos tempos livres, mas nas quais Guilherme Cardoso investiu muito do tempo disponível. Até 1991, trabalhou como fotógrafo, com carteira profissional, na empresa do pai, ou seja, até ao momento em que ingressou na Universidade de Coimbra. Refira-se que os conhecimentos associados à profissão de fotógrafo foram muito úteis na recolha de registos dos trabalhos arqueológicos. Aliás, como pode ser verificado na rede social Facebook, vai publicando fotografias antigas do seu arquivo pessoal.

Concluída a licenciatura em História - Variante de Arqueologia, teve oportunidade de ingressar como Técnico Superior de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa, em 1996, cargo que exerce até à extinção desta entidade, em 2014. O trabalho consistia em apoiar os municípios que solicitavam ajuda. Estas intervenções em vários concelhos, possibilitaram também a abertura de diferentes perspetivas. Sempre que teve oportunidade foi publicando resultados das investigações, indicando que esta é uma tarefa fundamental para proporcionar conhecimentos às populações. As informações extraídas não se devem cingir aos pares. Aquando da extinção deste organismo, Guilherme Cardoso passa a Técnico Superior de Arqueologia da Câmara Municipal de Lisboa, posição que ocupou desde 1 de Novembro de 2014 até 4 de Janeiro de 2022, quando é aposentado. Expressão que gosta de usar, uma vez que trabalhou até ao limite de idade no âmbito da função pública.

Para consolidar o que se disse assinala-se que foi conferencista convidado, entre 1997 e 2004, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, onde lecionou as cadeiras de Arqueologia I, Arqueologia Romana, Técnicas de Prospecção, Datação Arqueológica e Registo Arqueológico - Topografia e Desenho. No que concerne à última disciplina referenciada, aludiu ao facto de gostar de Desenho atividade que praticou aquando da elaboração das plantas das grutas, enquanto praticante de Espeleologia.

Em 1998, é convidado pela Dr.^a Jacinta Bugalhão para fazer o acompanhamento arqueológico dos fornos romanos identificados em Peniche e respetivas escavações arqueológicas (verões de 1998 a 2001, 2009 e 2011), juntamente com o arqueólogo Severino Rodrigues. Mais tarde a equipa foi ampliada com o contributo dos arqueólogos Eurico Sepúlveda e Inês Ribeiro. O facto de ser especialista em ânforas romanas recolhidas em Muge e ter experiência em termos de produção anfórica, possibilitaram a assunção da direção deste importante projeto, dada a singularidade destes achados no território português. A população romana estabeleceu-se em finais do século I a.C., tendo-se dedicado, entre outras coisas, à produção de cerâmica até finais do século II d.C. ou inícios do século seguinte. Através do livro “A OLARIA ROMANA DE LÚCIO, MORRAÇAL DA AJUDA (PENICHE-PORTUGAL)”, editado em 2018, pela CMP, pode-se ficar com uma visão da importância da escavação dos fornos romanos e do historial associado ao projeto.

Guilherme Cardoso fez saber que foi com facilidade que se integrou na dinâmica local, pois tem uma grande afinidade com as póvoas marítimas. Recordou que nas escavações participaram estudantes universitários, durante férias de Páscoa e de verão. A integração de jovens locais neste tipo de trabalhos proporciona também o sentido de pertença, motivando-os para a divulgação e defesa dos valores patrimoniais. Na conversa, ficou também evidenciado o extraordinário apoio do Município de Peniche no desenvolvimento

dos trabalhos.

Depois perguntei pela possibilidade de musealização do espaço e interligação com outros vestígios romanos, nomeadamente os do Sítio Arqueológico da Rua Azeredo Perdigão, colocados à vista em 2007. O arqueólogo referiu que foi elaborado projeto e que as entidades locais tudo fizeram para o implementar, mas não conseguiram reunir apoios necessários para a sua concretização. Prefere que os fornos permaneçam enterrados, como ficaram durante cerca de dois milénios, do que sejam expostos sem as condições de segurança. O repórter poderá sempre sonhar com uma valorização efetiva dos vestígios da presença romana em Peniche. Durante a escrita deste artigo, lembrei-me que o Dr. Mariano Calado se referia à importante presença dos Romanos em Peniche, baseado em escassos dados. Eu considerava a ideia um pouco especulativa, mas não é que o homem tinha razão, ou seja, posteriormente descobriram-se os fornos, a localização de armazéns de expedição de produtos e outros vestígios.

Depois conversámos sobre os recursos usados, nomeadamente a utilização de pastas com origem nos afloramentos geológicos locais para fabricar recipientes, nomeadamente os utilizados no transporte de alimentos associados às espécies capturadas nos mares próximos (sardinha, sarda e cavala, entre outras espécies). Referência também aos peões das redes de pesca e à cerâmica corrente.

Para a equipa foi muito relevante o trabalho desenvolvido em Peniche, dado o facto de pela primeira vez ser estudada exaustivamente a produção anfórica a norte do rio Tejo. A partir de certa altura começaram a aparecer fotografias do sítio arqueológico nos manuais escolares, também um enorme regozijo para o grupo.

Dentro do material recolhido no Sítio Arqueológico da Rua Azeredo Perdigão, Guilherme Cardoso ainda teve oportunidade de estudar as etiquetas de chumbo associadas à exportação de alimentos contidos em ânforas. Neste momento, está a colaborar em estudo decorrente da descoberta, em Lisboa, de fragmento de cota romana, peça única em Portugal. Quando pedi para indicar as maiores alegrias que teve como arqueólogo apontou a publicação da Carta Arqueológica de Cascais e o estudo efetuado acerca da Vila Romana de Freiria, que constituiu a base da sua tese de doutoramento. Para além dos nomes referenciados ao longo do texto, Guilherme Cardoso referiu como professores importantes para a sua formação, os seguintes: Jorge Alarcão e José d'Encarnação.

A conversa já ia longa, mas ainda lancei três tópicos: conselhos para os jovens arqueólogos, relevância destes profissionais nos municípios e como vê o povo Romano. Resumindo esta fase da conversa, o investigador considerou que é fundamental para os jovens arqueólogos serem persistentes e resilientes, pois os empreendimentos neste campo nunca são fáceis. Com as palavras que se seguem, abordou o segundo tema proposto: “Um arqueólogo é um elemento fundamental num município, pela sua especialização em análises de vestígios humanos do passado. Os dados que recolhe possibilitam reconstituir as sociedades já desaparecidas ou até as mais modernas de que não existam registos históricos, como é o caso da Arqueologia Industrial. É um recuperador de património e memórias desaparecidas, criando pontes entre o passado e o presente”. Terminou a temática mencionada com “os Romanos são o início da cultura ocidental, é a génese que possibilitou o nascimento da atual cultura europeia como a conhecemos”.

Ao nível da leitura, o meu convidado debruça-se mais sobre livros e artigos científicos relacionados com a Arqueologia, no entanto, recordou as obras de Norbert Casteret, que leu quando era mais novo e entusiasmado pela Espeleologia.

Para terminar este registo, o arqueólogo disse-me para salientar o papel fundamental do Dr. Rui Venâncio no contexto das campanhas realizadas, dando apoio permanente e constituindo um elo de ligação entre a equipa e a CMP. Em suma, uma ação determinante e de grande qualidade.

Agradeço a simpatia e a disponibilidade do doutor Guilherme Cardoso ao longo de todo o processo que culminou com a publicação deste “Um dia com...”

Esperamos que 2025 tenha entrado da melhor maneira e que de alguma forma se mitiguem os conflitos que têm atormentado a Humanidade e o Planeta Terra. Cumprimentos.

*Artigo escrito segundo o Novo Acordo Ortográfico